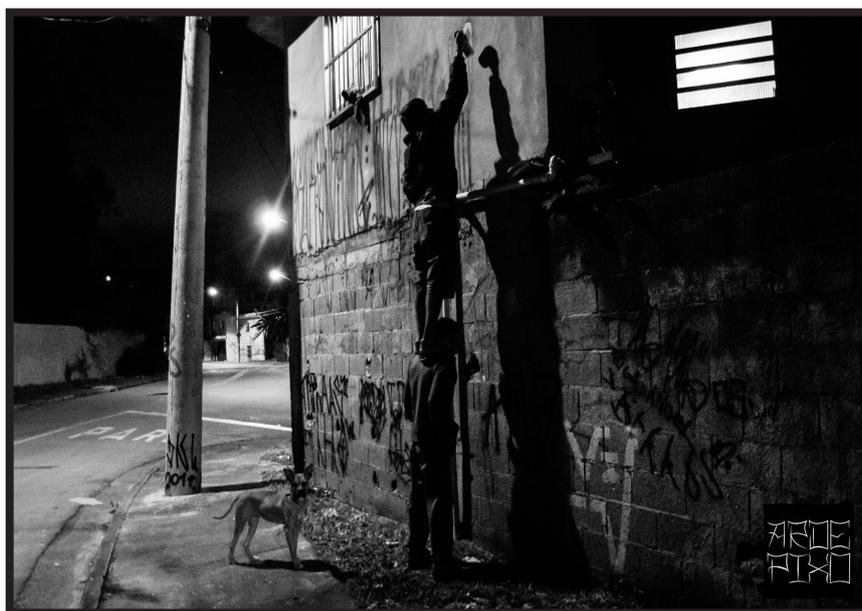


> PROA | GALERIA





Uma cidade que tem uma única cor impressa em seus muros, é uma cidade calada. Uma cidade que apaga a marca de sua população é uma cidade que esconde suas marcas, que esconde a complexidade dos discursos na construção da sua história. Que esconde a complexidade da vida que ali pulsa. Uma população que corrobora com a eliminação da alteridade no espaço público, revela não reconhecer neste espaço traços de identidade.

A pixação em São Paulo sempre foi apagada, sempre foi rechaçada. Não é novidade de um ou outro partido no poder. O discurso recente de “tolerância zero” é simples estratégia do atual governante no sentido satisfazer seus anseios publicitários e maquiar o trajeto diário de seu eleitorado, provocando um efeito de sentido de cidade “bem cuidada”, segundo a chave interpretativa de uma parte da população. Se algo não é visto, quem, afinal, pode alegar sua existência?

O pixador e a pixadora são sujeitos que, em muitos casos, representam a parte da população que para chegar a acessar o transporte público, enfrenta uma caminhada de mais de meia hora da porta da sua casa, em um território eventualmente hostil. O ato de se deslocar pela cidade, já é, nesse contexto, por si só, heroico. O prêmio é deixar sua marca, sua voz, sua presença, sua vida, ali no local onde a cidade não os convida a estar. Ali ele ou ela não só chegou, como enunciou a sua própria vida, a sua própria existência, o ato heroico de não somente sobreviver à cidade, mas de se permitir viver a cidade.

A cidade acinzentada é muito coerente com a noção de belo introjetada no anúncio de uma cidade linda – é a cidade homogênea, sem ruídos ou desordem, a cidade cosmética, em que as cores autorizadas nos muros refletem a harmonia da vida vivida por seus cidadãos. A pixação é preta, o preto não cabe na São Paulo linda, deve ser escondido ou eliminado. A São Paulo linda é de poucos discursos, de vozes que falam sorrindo, não aceita gritos dados nos altos dos prédios ou diante da imponência de uma ponte estaiada.

Mas o pixo não é somente um grito de revolta, é também uma resistência simbólica que emerge um movimento coletivo em meio a uma dinâmica social em que o confinamento é visto como privilégio e a segregação é edificada. Pixadoras e pixadores enunciam a si mesmos enquanto uma parte de um grupo, enquanto sujeitos que agem em parceria, que celebram seus feitos e sua existência ao lado dos amigos, conquistando a cidade. Pixação é diversão, é laço, é encontro, é comunicação e amizades. É construção de redes de afeto e identidade que ultrapassam barreiras de mobilidade, de territorialidade, de uma cidade que impõe quem pode ou não circular aonde. O pixo marca a identidade de um grupo, de uma parceria que é ali celebrada, enaltecida como valor, como força, como vozes em diálogo na fachada dos prédios, das casas, na superfície de pontes e monumentos.

Em uma São Paulo que há décadas passou a desenhar suas ruas para os carros, distanciou os locais de trabalho dos locais de moradia e aumentou o custo do transporte público, a rua se impôs como lugar de passagem, não de permanência. A convivência com o outro é melhor ser evitada, a atuação em grupo é evidência de ameaça. Em um ato de resistência e reconfiguração dos espaços públicos, os moradores dessa cidade arriscam suas vidas para deixar a marca temporariamente permanente de sua passagem e anunciar para quem quiser entender, de que a cidade é de quem vive a cidade.



